

TRIBUNA ARTISTICA

Periodico semanal escripto e redigido por artistas

Rio de Janeiro.—Domingo 3 de Dezembro de 1871

Advertencia

ASSIGNATURAS

SEM SELLO

Sem condição a 200 réis por mez.

COM SELLO

Igual preço, mas nunca menos de dez mezes.

Recebe-se qualquer artigo que esteja sob o nosso programma, endereçando-os seus autores á redacção na rua Nova do Ouvidor n. 20, para onde deve ser dirigida qualquer reclamação ou correspondencia.

Em Nicheroy, rua Direita da Conceição n. 20, assigna-se e encontra-se á venda.

Summario

OS TRABALHADORES DO ARSENAL

DE GUERRA

PUBLICAÇÕES

COLLABORAÇÃO

ARTES

IMPrensa

CHRONICA

TRIBUNA ARTISTICA

OS TRABALHADORES DO ARSENAL DE GUERRA

Tristes momentos premeditam turbarem o movimento frenetico, mas apaziguado do povo brasileiro cansado de sustentar nos fracos hombros o pezo da monarchia e seus vassallos: é que o governo, desprestigiado por seus desmandos, equilibrado sobre as columnas fracas dos mendigadores de sinecuras publicas, não conhece outro meio de sustentar tal movimento senão pelo motim provocado por esses individuos, que a fatuidade fal-os conceberem-se superiores a seus semelhantes quando não passam de—manequins—, movidos pela falta da responsabilidade dos actos publicos do mesmo governo.

Se não é isso, o que significa estarem os trabalhadores do arsenal de guerra ha trez quinzenas atrasados nos seus salarios? O

que quer dizer o pagador do thezouro prometter-lhes mandar pagar ao menos uma quinzena no dia 1 deste mez, faltarlhes a palavra, fazendo deste modo os mesmos passarem pela triste decepção de não poderem encarar seus credores reunidos no portão do arsenal?

Se não é isso, então o governo quer proteger uma sucia de traficantes, que dentro do proprio arsenal vão—rebater— as férias das infelizes victimas do seu mal entendido rancor, se não do despejo no cumprimento das obrigações impostas aos homens que dirigem um Estado.

Mas seja como for, o certo é que o governo parece procurar questão com o povo, afim de tirar partido da que se suscitou com os trabalhadores, para, com a hypocrisia dos da Europa, chamal-os *communistas-petrolenses* e esmagar nelles a sociedade sensata revoltada contra as suas façanhas de defensor da soberania brasileira, que não tem sabido resguardar dos ataques estrangeiros, como aconteceu ultimamente respeito aos allemães que esbordaram a policia.

Felizmente, podemos garantir ao governo que, se seus calculos são esses, hão de ser transtornados, porque nossos irmãos e amigos, *vís e ralés*, como lhes chamam, saberão sustentarem-se na justa plainada de trabalhadores sensatos, rezistindo com animo á miseria que lhes bata á porta no caso de ser preciso haver suspensão no trabalho das officinas de que fizerem parte.

Mas quando se pôde evitar qualquer transtorno, se é que o governo raciocina, ao menos uma vez deve fazel-o; quere-mos dizer: se é falta dos ministerios da guerra ou fazenda, elles que a remunerem; se é dos empregados do arsenal ou do thezouro, elles que sejam demittidos por despejo no serviço publico.

Não exigimos muito.

PUBLICAÇÕES

A publicação que encetamos neste numero sob o titulo de —imprensa— é a traducção de um escripto da penna de Mme. Olympe Audouard, que, por offerer aos nossos irmãos um vasto espaço para o estudo da sociedade americana, deve ser lido com attenção.

Sua autora, sem duvida levada pelo sentimento generoso que prezide os bons actos do coração humano, para nós prestou um grande serviço á cauza dos trabalhadores não só da França, como de todos os paizes em que os conhecimentos litterarios se vendem caros aos entes que

não tem a felicidade de nascer sob a tutela dos altos deignios das divindades terrestres.

Não pretendemos dar uma idéa desse escripto, apresentamol-o á consideração dos nossos irmãos para que cada um faça o seu juizo severo sobre as razões que o compõem, procure decidir-se pela verdade, e á maioria cedam o direito de sentenciar.

E' o que nos limitamos a dizer neste momento, embora abracemos a pureza do seu conteúdo.

Procedemos mal?

Principiamos tambem a publicar neste numero uma serie de artigos que nos dirigio o nosso amigo e correligionario Octaviano Hudson, a quem cedemos de bom grado as considerações que haviamos de fazer sobre o estado dos trabalhadores brasileiros.

COLLABORAÇÃO

OS ARTISTAS NO BRAZIL

Emquanto nas salas sumptuosas as opulentas divindades da situação se banqueteam promettendo-se mutuas honorarias, empenhando talvez a consciencia, jogando a dignidade dos que lhe são dependentes com a propria, os infelizes operarios dos arsenaes esperam pela remuneração injustamente retardada de seu trabalho, sem que aos poderosos cauze commizeração a miseria que vai pelas cazas destes infelizes desherdados da sorte!

Debalde reclamam, não ha meio de regular o estado economico desses estabelecimentos de trabalho; todos os esforços empregados para tornar effectiva a pontualidade de pagamento aos operarios que nelles trabalham são improficuos, deixam de ter sua razão de ser na consciencia daquelles que estabelecem o principio de desigualdade e consideram os artistas apropriados ao martyrio, aos sacrificios e á miseria.

Que as cazas de particulares pratiquem dessas faltas, não se aceita, admitte-se; mas estabelecimentos sustentados pela nação, não só é reprehensivel como immoral semelhante proceder, que só é defendido pela corrupção desses animos egoistas que fazem deste paiz, não uma fazenda publica, porém, uma caza propria a seu talante administrada.

Esses homens que trabalham hoje para

o pão do outro dia podem accumular duas, trez e mais quinzenas, o seu dinheiro pôde dormir no thezouro, não tem direito a juros; porém, aos protegidos da aristocracia seria um crime, uma falta imperdoavel deixar de proporcionar-lhes ajudas de custas, commissões de centenas de contos e empregos accumulados.

E' verdade que tantos beneficios custam alguma couza para obtel-os, é preciso despir do coração certos sentimentos por exemplo, a independencia de character, a consciencia de si propria, a liberdade do pensamento, o amor aos seus concidadãos, o bem estar publico, etc., etc. São os que professam o proverbio bem conhecido: « Ande eu quente e ria-se a gente. »

Mas a couza não é de rir, é para chorar, porque se ha couza que provoque lagrimas amargas e ardentes é ver a espoza sem pão, os filhos a tiritarem de frio e ameaçados de cahirem na tristissima contingencia de esmollarem pelas ruas, e não terem sequer um vintem para um pedaço de pão ou de carne!

AS ARTES E OS OPERARIOS NO BRAZIL

As artes no Brazil, este elemento poderoso para o engrandecimento de uma nação, não parece existente desde que os dominadores do paiz não fornecem dados intendentos ao seu progresso, á sua animação.

Consequencia logica: as artes não se enriquecem, definham; os operarios nada valem, desanimam.

Não desempenham elles o papel honroso que lhes fora reservado, porque sua luz, seus recursos, seus passos, são usurpados por uma seite parazita, que vive e goza, á sombra dessa classe laborioza, a beneficio tão sómente de interesses pessoases.

Não lhe chegueis estrume; não se robusteça; não se vigore a robustecida e vigorosa arvore, porque seus fructos rapidamente cahirão sobre nossas cabeças. Afastem antes a terra que ainda se conserva em redor de si. Dizem elles!

E praticando assim enfraquecem as viçoas flôres, os verdejantes ramos, as solidas raizes de uma arvore de um futuro tão grandiozo!

Sim! E fazem bem os dominadores e mandões da terra de Santa Cruz!

Os operarios no Brazil não são mais que vultos, sem prestigio, sem nome, e sem gloria.

Em algumas nações elles são considerados de uma outra forma, forma que os

engrandece e lhes facilita a posição social, garantindo-lhes ao mesmo tempo segurança e animando seus pensamentos para outro qualquer invento ou perfeição.

Trabalham sempre, e sempre almejam trabalhar.

Mas no Brazil se dá ao contrario. Muitas vezes, ou quasi sempre, suas obras morrem no nascedouro, falhas de recursos, de animação.

Lá, os operarios são remunerados de uma outra maneira.

Aqui, comparativamente aos seus soffrimentos phyzicos e moraes, sujeitos a onerosos impostos geraes, além dos particulares, deixando-se de parte as horas excedentes a favor do uzufructante ou proprietario, elles são mal considerados, mal remunerados; nem sequer chega-lhes o producto do labor do dia para as suas quotidianas necessidades.

Porque tal estado?

Porque o laço harmonioso, fraternizador, participantes da instrucção, da sabedoria, tem jazido na obscuridade e no esquecimento.

E tudo devido as conveniencias governamentais, que só cogitam meios para entorpecer e embarçar a marcha de uma corporação tão digna.

Não lhes é agradável que os operarios comprehendam realmente os seus direitos, a sua independencia.

E' esta a linguagem viva da razão sensata.

Instruam-se, pois, os operarios; congreguem-se elles; espalhem-se associações por todo o imperio, que a methamorphoze surgirá velozmente.

Conseguido este ponto, desaparecerá a rotina até hoje seguida, e salvar-se-ha da ruina a alma de um paiz, de uma nação.

E quem sabe se em breves dias estas negras nuvens não serão desligadas ao sopro de um tufão propicio?!

E nem se deve suppor outro resultado em uma nação como a de Santa Cruz, de um horizonte tão risonho, de um porvir tão esperançoso.

Nietheroy, 26 de Novembro de 1871.

AS SOCIEDADES

Para o progresso e civilização de um paiz as sociedades tornam-se precisas, por isso que o homem vivendo sem trabalhar deixa de satisfazer ás justas leis decretadas pelo homem Deus, e torna-se portanto completamente abandonado.

A ociosidade é opprobrio da vida social, por isso convém ser banida do seio della.

O homem deve procurar meios proficuos para ser util a Deus, á patria e a si mesmo. Deve trabalhar porque o trabalho é a instituição mais nobre, que engrandece o espirito humano; e todo aquelle que se exime de ser incansavel lidador em prol do genero humano, não pôde aspirar a uma só das vantagens da vida social.

Deus para tornar-se conhecido criou os homens e outorgou-lhes um poder.

Este poder é o mais sublime ornamento em que consiste a sua superioridade: a intelligencia.

Com ella se descobrem os maiores interesses da vida, e chega-se ao conhecimento de Deus. Elle reuniu todos os homens, e formando assim a sociedade, fez com que dependessem mutuamente. Conheceu a necessidade de sustentarmc-nos, obrigou-nos a trabalhar.

E', portanto, por meio do trabalho que o homem conduz-se á região da gloria e torna-se util á sociedade.

Trabalhemos para agradar a Deus. Fugamos da preguiça, esse espirito maligno, que torna o homem desprezível; essa situação vil, que não deve dominar o pensamento do homem sensato.

Dezembro de 1870.

DENIZ JULIO.

OS ARTISTAS NO BRAZIL

Neste paiz a vida para o proletario, para aquelle que tem de viver do seu trabalho manual, é penoza, é por demais precaria!

A classe artistica não tem compensação merecida ao seu labor, emquanto que por um preconceito, não sei em que razão fundado, outras classes são com generosidade excessivamente retribuidas. Estabelecendo-se dest'arte uma desvantagem e depreciamento para os pobres artistas em relação ao merecimento que se dá aos que vivem de outra qualquer occupação.

Os impostos aos generos de primeira, de absoluta necessidade, e ainda mais o imposto pessoal, tudo contribue para fazer do artista não um homem independente, mas quasi um mendigo!

O ferreiro, o pedreiro, o carpinteiro, o marceneiro, o pintor, o typographo, finalmente todos os artistas mecanicos trabalham sem obterem o justo preço do seu affanoso lidar, sem augmento que possa satisfazer aos impostos que todos os annos crescem e que lhes difficultam as necessidades da vida!

Os governos que o paiz tem tido, sem excepção de algum, tudo promettem a favor do povo, das classes menos favorecidas da fortuna, mas cumpre confessal-o, nada têm feito em favor destas, antes esmagam com sua indifferença, mal retribuindo os proprios artistas dos estabelecimentos publicos.

O artista, chefe de familia, que tem filhos, que precisa curar não só da subzistencia della, mas ainda da educação destes, como o poderá fazer ganhando tres ou cinco mil reis diarios que apenas chegam para o máo confortavel e aluguel de caça?

Como poderá viver feliz, ser independente, um povo cujo trabalho acha-se captivo ao preço que lhe quer fazer o governo? Os governos que estabelecem o preço infezado ao pobre artista, que nas condições em que se acha, sem protecção, não pôde deixar de aceitar qualquer retribuição por mais minguada que seja?!

Neste monopolio, de que é victima o artista, estão muitos que

se locupletam com o alheio suor, fazendo do trabalho de seu semelhante uma renda propria de capital.

E' em favor das classes operarias que eu peço que do governo venha o exemplo da boa retribuição para ellas, para que o artista possa ser um homem honesto e bom cidadão torna-se necessario que elle encontre no seu proprio trabalho o incentivo e alavanca do seu bem-estar.

E' preciso que o operario possa tambem participar dos gozos que fruem as outras classes melhor compensadas. é de rigorosa necessidade que a vida lhe seja facil, que o fructo da sua laborioza existencia possa satisfazer-lhe as justas necessidades.

Venha o augmento de preços ao trabalho dos artistas, venha porque elles estão sobrecarregados de impostos e esses onus continuam na sua vertiginosa carreira a perseguir o povo.

Os governos devem principiar esse augmento, não só pelos arsenaes, como por outros estabelecimentos a seu cargo.

E' preciso pagar áquelles que não vivem de fortunas adquiridas e suor alheio, mas dos seus proprios esforços!

Advogando a classe dos artistas, não faço senão advogar a cauza da humanidade e do progresso do meu paiz. Agradeço, Sr. redactor, a inserção destas linhas.

OCTAVIANO HUDSON.

ARTES

OS TYPOGRAPHS

O movimento que ultimamente se operou, na Inglaterra, entre os operarios que queriam a introdução de melhoramentos na organização do trabalho e os patrões que não queriam se afastar da rotina a que se tinham acostumado, para continuarem a usufruir lucros fraudulentos; despertou-nos do somno lethargico em que viviamos, chamando a nossa attenção para o estado aviltante em que jaz a classe operaria deste rico e fertil torrão americano.

Ao escrevermos, pois, estas linhas não nos obumbra o espirito o odio, nem a vingança; odio e vingança que, se o tivéssemos, seria justo e exequível, porque pagaríamos na mesma moeda aos privilegiados da fortuna, aos homens de casta diversa da nossa, de sangue azul, filhos bem amados desta podre monarchia, que tanto tem concorrido para o descredito desta terra, homens esses que, descurando completamente do bem-estar dos operarios nacionaes, e tratando-os com soberano desdem, só têm protecção a dispensar aos productos estrangeiros.

A série de artigos que vamos escrever será dedicada á classe que traz estampada na sua fronte o *Fiat lux*, á filha dilecta do immortal Guttemberg, á classe que,

por meio dos livros e jornaes, leva ao seio da familia do rico como do pobre, do nobre como do plebeu, as lições de sentimentos os mais elevados e generozos, á classe typographica emfim.

Porém, antes de entrarmos em materia, permitta-se-nos que digamos algumas palavras sobre a cauza dos males que atrophia a classe operaria em geral.

Não data de hoje, mas de ha muitos annos, desde os tempos coloniaes, a origem desses males.

E' sabido que, no regimen colonial, os governadores mandados por el-rei nosso senhor para felicitar este povo, com a mão ferrea do despotismo armada de uma vergasta, traziam ordens terminantes de não consentir que os brazileiros se fizessem notaveis nas artes, e que fossem sempre preferidos, nos trabalhos que se houvessem de executar na colonia, os *peritos mestres* portuguezes, que vinham pegar da enchó ou da colher de pedreiro pela primeira vez assim que aportavam a estas plagas.

Houve, porém, um momento em que os nossos patricios se persuadiram que já estavam acabadas todas as péas que se oppunham ao seu desenvolvimento; mas o desengano não tardou a mostrar-lhes que era impossivel esperar da mui-patria generozidades que não lhe convinha.

Esse momento foi o do curto vice-reinado de Luiz de Vasconcellos, que tornou-se notavel pelo grande impulso que soube dar ao progresso material e intellectual deste paiz, chamando a si alguns artistas que então appareciam ao seu aceno, e pela protecção dispensada aos fundadores da academia dos Selectos que obtiveram tambem licença para montar uma typographia onde se imprimissem os seus trabalhos. Mas tanta desobediencia ás ordens terminantes do paternal governo portuguez, que queria beneficiar os brazileiros por outro modo, devia trazer um resultado negativo aos fins a que se propunha Luiz de Vasconcellos, e que não se fez esperar. O conde da Cunha, nomeado para o substituir, foi o encarregado de pôr patente aos olhos de nossos patricios o caminho errado em que andava seu antecessor, dissolvendo a academia dos Selectos, prendendo muitos de seus membros, entre os quaes o Marquez de Maricá, celebre pelas suas meximas e sentenças, e mandando quebrar e incendiar os utensis da typographia, porque, dizia elle, era uma officina de Satanaz, onde se trabalhava para se transviar a razão do *bom povo* da colonia de seu real amo.

O vice-rei conde da Cunha desempenhou perfeitamente a commissão de que foi encarregado. Odiado pelo povo que soube distinguir a differença que havia entre a bondade de um e a cynica malvadez do outro; entre o desejo de derramar a luz e fazer progredir esta terra e a vontade firme e tenaz de conservar as trévas e fazer estacionar o progresso, o vice-rei ex-

cedeu os limites que o governo lhe traçara, mandando parar todas as obras começadas pelo seu antecessor e fazendo sahir das poucas fabricas ou officinas, que então existiam, os brasileiros, para darem entrada nas milicias, onde não podiam subir senão até o posto de soldado.

Não sendo, pois, permittido aos nacionaes dedicarem-se ás artes ou officios a que se sentiam com vocação, e estando tudo entregue nas mãos de portuguezes ignorantes e malquistados pela supremacia que uns se queriam arrogar sobre outros, resultou disso a offerta de serviços por menos de seu justo valor, aos patrões, que souberam tirar partido dessa luta mesquinha entre os operarios vindos de além mar.

Com a vinda do rei João VI melhoraram as couzas, porque os nacionaes foram chamados para executarem diversos trabalhos e que souberam desempenhar com os talentos proprios dos filhos desta terra. Esta época será memoravel pelo grande numero de brasileiros que se tornaram notaveis nas artes mecanicas e liberaes, nas tribunas sagrada e da imprensa, na litteratura, na politica e nas armas.

Porém, esta preferencia dada pelo velho rei aos brasileiros, despertou nos portuguezes a inveja, que degenerou em odio, e uma guerra occulta e mesquinha se declarou contra nossos patricios que almejavam a independencia para se verem livre de tão odioso e funesto jugo.

Raiou, enfim, o dia da independencia.

Mas o 7 de Setembro de 1822 não será para nós mais que uma data de tristissima memoria: porque se quebrou os grilhões com que o jugo portuguez nos havia manietado, deixou-nos, porém, a monarchia com todos os seus males.

A guarda nacional, a policia, o recrutamento, as guerras successivas, deram-se as mãos para acabarem de aniquilar a classe operaria nacional, que começava a nascer.

O operario brasileiro é admittido nas fabricas quer nacionaes, quer estrangeiras com muita relutancia, porque os patrões não podem contar com a sua effectividade no trabalho, visto que quasi diariamente é chamado para um funeral, procissão, revista, guarda de honra, etc., serviços estes desempenhados pela guarda nacional de que elle faz parte.

A interdicção dos operarios nacionaes nas fabricas portuguezas é ainda um mal, e mal de funestas consequencias.

De tudo isto, que acabamos de expôr, resulta duas questões:

1ª questão. — A classe operaria nacional deve seus males: primeiro, ás péas lançadas pelos antigos governadores e vice-reis aos brasileiros, com o fim de não deixal-os abraçar as artes e officios para que se sentiam com vocação; segundo, á guerra que os portu-

guezes lhes declararam, invejosos da preferencia que D. João VI lhes dera, guerra que terminou com a interdicção dos nacionaes nas suas fabricas; terceiro, á guarda nacional; quarto, finalmente, á nobreza tola e petulante deste paiz, que só acha bom tudo o que vem do estrangeiro, e que não tem para seus patricios artistas senão desdem.

Crêmos ter explicado conveniente ainda que ligeiramente o que avançamos na primeira questão, e por isso, sem mais detença, mesmo porque o tempo nos falta, passaremos á

2ª questão. — Mais atraz disse-mos que os portuguezes se haviam malquistado por questões mesquinhas de supremacia, questões essas que deram um resultado que os patrões almejavam ardentemente. Os males provenientes dessa luta ainda hoje se fazem e se farão sentir emquanto se não tomarem providencias energicas.

Esta questão é bastante importante, e ainda que pareçamos severos demais não recuaremos diante da verdade, para que o castigo fira o culpado e não o innocente.

Arredados os brasileiros das artes e officios ficaram os portuguezes seuhores do campo, onde, dentro em pouco, se declarou a sizania, motivada pelo que acima dissemos, e que augmentou-se com a offerta dos serviços por menor preço do que aquelle que de ha muito estava estipulado. As recriminações, os insultos e mesmos as sceuas de pugilato não se fizeram esperar entre esses homens, ávidos de enriquecerem ainda á custa da propria honra, que Portugal nós enviava.

Os patrões, que em todas as épocas e em todas as terras, são os mesmos, não se esforçaram para extinguir esse incendio, que lavrava no seio dos operarios portuguezes, pelo contrario ateava-o ainda mais, para melhor poderem chegar a seus fins.

Volveram os annos e essa luta ainda continuava, aggravada mais com a corrente de immigrants que ficavam nas cidades de preferencia ao campo, e que sendo forçozo empregal-os, eram admittidos nas fabricas, percebendo um salario miseravel e sujeitando-se a um trabalho insano, que principiava ás 5 horas da manhã e terminava ás 6 da tarde.

Para os patrões, que quasi todos eram portuguezes, e para os operarios seus patricios tudo corria muito bem: mas não assim para os nacionaes e demais estrangeiros empregados nas outras officinas, que não deixava de certo de se sentir da pessima vizinhança das fabricas portuguezas.

Ainda hoje, infelizmente, á excepção das poucas officinas nacionaes, francezas, americanas, inglezas e allemãs, onde a organização do trabalho é melhor, sendo o artista conceituado e remunerado — mais equitativamente: ainda hoje, diziamos, os patrões portuguezes não se querem convencer que devem

ser mais generozos para esses operarios, que são tambem seus patri-cios, assim como estes não se que-rem persuadir que não é com a afferta de trabalhos, por menos do seu valor, que hão de melhorar de sorte.

Concluindo, diremos, que a classe operaria em geral jámais melhorará enquanto a immigração portugueza teimar em vir se agglomerar nas cidades, deixando o campo, para o que estão mais apropriados, visto que elles em Portugal são lavradores e não artistas.

Resta-nos agora pedirmos desculpa da incorrecção da phrase, da falta de nexo nos raciocinios, e das redundancias, porque quem escreve estas linhas é um operario que está mais acostumado a manejar os utensis de que se serve do que a penna.

L.

IMPrensa

ESTADOS-UNIDOS

CONSTITUIÇÃO, COSTUMES, USOS, LEIS, INSTITUIÇÕES E SEITAS RELIGIOZAS

por

Mme. Olympe Audouard

Prefacio

Para fallar-se da America com imparcialidade é necessario não ter opinião.

Porque o monarchista, escrevendo sobre os Estados-Unidos, se deixará levar por um sentimento de indignação e de odio contra os americanos, povo que tem a prezumpção de considerar-se soberano.

Povo que teve a prudencia de tornar bem solida a sua soberania!

Que não tem confiado ao poder outro papel senão o de proteger a soberania popular, não lhe deixando outra missão que a de servidor submisso, fiel e obediante á vontade nacional!

Um povo, finalmente, que ouzou registrar em sua constituição que « todo homem tem direitos inalienaveis: a vida, a liberdade, o procurar sua felicidade ».

Um tal povo, dirá consigo este monarchista, só pôde compor-se de revolucionarios vulgares!

Exclamará com toda convicção:

Que! homens simples mortaes, a quem a divindade não transformou, atrevem-se a crer que têm direitos!

Rezistem á evidencia de que não são mais que os vís escravos, objectos de um ser á parte, de um ente privilegiado que se chama rei.

Não comprehendem que foram criados para obedecer cegamente a este rei e aos que elle se digna delegar uma parte de seus poderes illimitados!

Ouzam negar a um soberano o direito de dispor de sua vida, honra e fortuna, e de os mandar morrer em expedições insensatas, para depois lançar tributos addicionaes, afim de lhes fazer pagar as despesas destas guerras! de lezar a receita publica, lançar imposto sobre o pão, o vinho, a agua, o ar que se respira, os raios do sol que nos aquece.

Recuzam-se comprehender que estes trinta e oito milhões de individuos, de seres humanos, que, pensão raciocinam e sentem, nada mais são do que bonecos ou figuras de papelão que devem obrar ou ficar immoveis, segundo o impulso do cordel governamental.

Eis o que dirá consigo o monarchista, impellido por taes sentimentos; elle criticará de tudo quanto fôr da America, as melhores couzas lhe parecerão absurdos, verá tudo pelo lado máo, mesmo sem querer será parcial, escurecerá tudo quanto ha de grande, de bello, de sabio, nas instituições americanas; só dará á luz o que fôr mesquinho e defeituzo que ahi ainda se encontra.

Descreverá uma America phantastica; em vez de fazer uma historia, fará um melodrama ou uma comedia jocoza, fará um livro monarchista ou um pamphleto contra os republicanos

O republicano obrará em sentido diverso.

Como de algum modo se tem feito da America o synonymo de republica e de liberdade, elle não ouzará aventurar a menor censura, com medo que lhe chamem perjuro a um partido.

Descreverá uma republica ideal, povoada de cidadãos dotados das mais elevadas virtudes e incapazes de mãos sentimentos, de ambição pessoal.

Insinuará que todo o americano é emulo de Washington.

Em lugar de fazer uma historia, fará um simples elogio á republica.

Com essas duas obras, o publico dezejo de saber o que se passa no Novo-Mundo ficará bastante embaraçado.

Na qualidade de mulher, não tenho opinião.

Ter opinião e porque?

Opinião e ambição são quasi sempre synonymos.

Os homens têm geralmente uma opinião, afim de pol-a ao serviço de uma ambição.

Que ambição posso eu ter se sou mulher?

Pelas severas leis napolionicas, não sou um desses entes indefinidos aos quaes se diz em prezença do imposto que se deve pagar.

— Paga, paga, tu és cidadã.

Mas quando se trata de eleger um deputado se diz: « Alto lá, não tens voto na materia, tu não és cidadã! »

E no entanto o deputado vota o imposto, pezado ou leve.

Não sou eu um desses entes neutros a quem, diante de privilegios, empregos, recompensas, se diz: « Isto é só para francezes. »

Mas diante do cadafalso, do exilio, da condemnação, da prisão, se diz: « Vamos, toma a tua parte, porque — francez quer dizer sempre — franceza...! »

Singular posição, na verdade!

Escrever um livro politico em tal situação seria verdadeiramente loucura, eu entendo por « livro politico » uma obra escripta em favor deste ou daquelle partido.

Contentar-me-hei, pois, em fazer a photographia e contar da maneira a mais

minucioza possível o que é esta grande republica americana.

Se não tenho opinião, pelo modo que encaro as couzas, tenho em compensação uma convicção sincera e profundas sou democrata e republicana.

Oh! não cações! Não esclameis: « Não é permitido a uma mulher dizer-se republicana ou legistimista, visto que ella não tem direitos alguns politicos.... »

Uma mulher pôde ter uma opinião, pois que tem um coração e uma religião.

Bebi meus sentimentos democraticos nas sublimes palavras pronunciadas pelo Christo. Jesus Christo foi o primeiro democrata; suas maximas são ardentes e persuazivas; demais, elle pôz a pratica de accordo com suas theorias.

Com o christã, pois, sou democrata, e o Christo me tem tão bem arraigado ás suas theorias, que eu persisto em minha democracia, apesar de tudo o que dizem certos periodicos vermelhos para fazel-a detestar.

Sou republicana, estou no meu direito, porque a philantropia é permittida a todo mundo... até mesmo ás mulheres.

Lançando um golpe de vista sobre a historia de todos os povos, estudando a da nossa bella França, vejo sob os mais gloriosos reinados, uma cõrte brilhante, uma sociedade pouco numeroza, vivendo no luxo e no prazer...

Porém, vejo ao lado desse grupo, a grande maioria pobre, opprimida, sacrificada; acho este espectaculo dolorozo.

Meu parecer é que o progresso e a civilização não terão dito a sua ultima palavra emquanto a fome e a miseria não forem desarraigadas da sociedade.

Eu queria ver todos os membros da grande familia humana felizes, que ninguém tremesse com frio ou morresse por falta de um pedaço de pão.

Parece que é impossível chegar a este resultado consolador, porém, tambem quer me parecer que a republica, melhor do que qualquer outro governo, poderia assegurar o bem-estar á maioria, diminuindo um pouco o luxo da minoria.

E de todo o coração eu sacrificio, aqui, a minoria á maioria.

Mas, dirão certos homens, isto é, uma politica absurda, é uma politica sentimental! E' verdade.

Que quereis? Talvez eu labore em erro, porém, parece-me que aquella vale muito mais que uma politica de ambição.

Em religião, tanto como em convicção detesto o fanatismo.

Minha profunda consideração pela republica, não me impedirá de ser imparcial e de vos dizer o que ha de bom e de máo nas instituições americanas e nos homens que as interpretam.

Estive treze mezes na America, vi tudo, tudo estudei com ardor, com curiosidade e com o firme dezojo de observar bem.

Homens eminentes, envolvidos com os negocios do paiz;

Jornalistas americanos de todas as cores politicas e de todos os matizes (porque por lá tambem ha muitas cores politicas);

Todos estes homens, com toda a benevolencia, me explicaram o machinismo

administrativo, mostraram-me esta grande constituição de Washington em pratica, e dirigindo para o progresso um povo de trinta e oito milhões de homens; fizeram-me assistir ás convenções, ás lutas electoraes, não procuraram mesmo, eu lhes faço justiça, dissimular os abuzos que existem em seu paiz; com a mais completa franqueza mos deram a conhecer. tendo o maior cuidado de me fazer observar que a constituição é de uma sabedoria isso incommettivel, que não se poderia tornar-a responsavel por estes abuzos; porém, que infelizmente um povo que em cada anno se augmenta com quinhentos mil emigrantes não poderia ser composto exclusivamente de homens honestos e integros.

O americano é dotado de muito bom senso; a lizongea o faz rir.

Elle tem consciencia do quanto vale, porém tem sempre muito em vista o que lhe resta a fazer.

E' patriota porém não tem exagerada calvice.

Graças aos meus guias e amigos americanos, tudo vi, e creio ter examinado bem; sua sciencia veio em socorro de minha ignorancia; conversei com os democraticos, republicanos e radicaes; ouvi pois, contra e a favor.

E' occasião agora de fallar do unico elemento de discordia, da unica couza realmente má e illogica que existe nos Estados-Unidos.

Em França, democrata e republicano quer dizer uma e a mesma couza.

O que é democrata é republicano, o que é republicano é democrata.

Não acontece o mesmo nos Estados-Unidos; estas duas palavras têm significação diametralmente opposta.

Republicanos e democraticos fazem uma guerra encarnizada entre si; luta que nem sempre é cortez.

Os republicanos são abolicionistas: estendem as mãos francamente aos negros; fazem delles ministros (!); enviam-os ao senado e á camara dos deputados.

Com o fim de fazer crescer o mais depressa possível o numero dos habitantes, elles concedem facilmente os direitos de cidadãos aos immigrants.

São partidarios das tarifas moderadas, cujo fim é favorecer as industrias locais, e attrahir á America gente em abundancia.

Pedem o augmento do salario do operario e a associação entre o operario e o patrão ou o capitalista.

Os democraticos oppõem-se ao voto dos homens de cõr e á sua ingerencia nos negocios politicos; mudam de lugar se un desses homens se assenta junto de si.

São partidarios da franqueza dos Estados, assim como das tarifas de livre permuta. Entendem que não se deve conceder tão facilmente o direito de cidadão: essa onda de immigração que invade seu paiz annualmente o espanta. « O meio, dizem elles, de vir a ser um verdadeiro povo com este elemento cosmopolita que se introduz constantemente entre nós! »

(!) Grant nomeou dous homens de cõr representantes dos Estados-Unidos.

Emfim, os democraticos principiam a achar a republica com suas theorias de igualdade um pouco commum; elles são aristocratas e pedem privilegios; e queriam que as pessoas bem nascidas, os que são um pouco menos que plebeus, tomassem as redeas do governo; fallam de districtos e de brazões.

São elles os que inventaram uma pequena aristocracia de convenção, que para haver mister 32 districtos, não falta orgulho e intolerancia.

Os mais ardentes democraticos chegam a pensar que uma cõrte não faria mal algum na America, porque crearia titulos, condecorações e privilegios.

O jornal — O Imperio — sustenta em suas columnas, o que acima fica dito.

Todos os sulistas são democraticos, assim como todos os ricos de antiga data; o Estado de New-York é completamente democrata, e tambem as cidades de Boston e Philadelphia. Todos os irlandezes e tudo quanto é catholico é democrata; o clero catholico é, pôde-se dizer, archidemocrata.

Todos os americanos de origem allemã e suissa são republicanos; Far-West, com seus tres milhões de habitantes recém-chegados, é republicano.

O Maine deu uma grande maioria ao candidato republicano.

Lincoln era republicano; Johnston não era nem uma, nem outra couza; Grant é republicano.

O partido republicano teve maioria nas ultimas eleições, mas a luta foi viva e porfiada e vio-se que o partido democrata era muito numerozo.

Cada partido quer fazer predominar sua politica; para isso é preciso não sómente que, seu candidato á presidencia seja eleito, mas ainda que os deputados e os senadores sejam escolhidos entre os seus; as eleições tornam-se batalhas encarnizadas; cada um intriga, procura votos e emprega uma actividade selvagem em fazer eleger os homens de seu partido.

A este interesse politico e geral vem unir-se muitas vezes o interesse pessoal. O senado, a camara dos deputados e o presidente dispõem de um certo numero de empregos: se os membros destas duas respeitaveis corporações, como o presidente, são republicanos todos os empregos são dados aos homens de seu partido, e vice-versa se são democraticos. Se não houvesse na America senão republicanos a interpretação seria cordial, a ordem perfeita, e não haveria luta nem intriga... seria a perfeição, o ideal do ideal. Mas a perfeição não é uma virtude humana e terrestre, tambem ha democraticos e republicanos no Novo-Mundo.

CHRONICA

Rio, 3 de Dezembro de 1871.

No dia 28 do corrente deu-se em São Christovão um facto revoltante, digno das autoridades deste aviltado paiz.

Pelo simples facto de uma escrava ir-se queixar que a mulher do nosso irmão

Antonio Pinto de Almeida Valença roubára uma camiza, o subdelegado de São Christovão mandou recolher a infeliz aoadrez de bombeiros a despeito della trazer no collo uma criança de trez mezes. Factos destes não se commentam, mas reclamam de todos nós a mais seria attenção sobre esses homens que esmagam sob seus pés até os sentimentos de moralidade.

— Com a denominação de—Postos pedagogicos—, diz a *Republica* de 28 do corrente, que o Sr. bacharel Alfredo Moreira Pidto, de accordo com amigos seus, pretende fundar em diversas freguezias desta cõrte cursos de explicação, onde os estudantes encontrarão quem lhes explique humanidades, mediante prestações ao alcance de todos.

Por mais de um titulo é digna de todo o applauzo e bom acolhimento a idea do Sr. bacharel Moreira Pinto. Além dos serviços reaes, que a instituição pôde prestar ao ensino, avulta ainda o auxilio á emancipação, a que se destina a metade da joia de entrada.

Rezumimos em seguida o seu programma:

« As materias ensinadas serão: latim, grego, portuguez, francez, inglez, allemão, mathematicas, geographia, historia universal (e particularmente a da nação a que pertencer o alumno), rhetorica e philozophia.

« Haverá um curso de direito criminal, que será frequentado gratuitamente pelas pessoas que quizerem.

« Merecerá especial attenção o estudo da lingua vernacula.

« O codigo criminal será lido por todos os explicandos.

« Haverá em cada posto uma bibliotheca á disposição dos individuos matriculados.

« Haverá um curso á noite para os operarios, que pagarão na medida de seus recursos.

« As pessoas que forem reconhecidas como pobres receberão gratuitamente a mesma instrução que aquelles pagam.

« E' exigida a joia de 10\$, sendo 5\$ destinados a um fundo qualquer de emancipação.

« Fornecem-se gratuitamente lapis, canetas, papel, pennas e tinta.

« Os preços, invariaveis, das mensalidades são:

Por uma só materia..... 5\$000

Por mais de uma..... 8\$000

— Apareceu hontem o primeiro numero d'um jornalzinho litterario, cujo principal intuito é escrever semanalmente a chronica theatral. Intitula-se *Violeta*.

ULTIMA HORA

Depois de estar no prelo o nosso periodico constou-nos ter se principiado o pagamento em occasião que poucos trabalhadores poderam receber.